

# O CLUBE DE TRUEQUE ARGENTINO

## UMA ESTÓRIA COM DINHEIRO QUE ENFERRUJA

CYNTHIA BENOIST\* E ÂNGELO FERREIRA DE SOUSA\*\*

**NASCIDOS COMO RESPOSTA À PERMANENTE CRISE ECONÓMICA E À FALTA DE TRABALHO E RECURSOS, E DEPOIS POTENCIADOS PELA AUSÊNCIA DE MOEDA CIRCULANTE IMPOSTA PELO CORRALITO BANCÁRIO EM 2001/2, OS CLUBES DE TRUEQUE FORAM O CENÁRIO ONDE MILHÕES DE ARGENTINOS PROCURARAM MEIOS DE SUBSISTÊNCIA QUE PERMITISSEM MANTER UMA VIDA DIGNA. HISTÓRIA DA ASCENÇÃO E QUEDA DE UMA “MOEDA SOCIAL”.**

O «TRUEQUE» SURTIU na Argentina em meados dos anos 90, num contexto já de crise económica fruto das políticas neoliberais aplicadas pelos ditames do FMI, e por iniciativa própria dos sectores mais oportunistas duma sociedade castigada por décadas de ditadura militar, onde a «democracia» chegou como se de um bolo enorme a repartir se tratasse.

O sistema que se baseia no intercâmbio de um produto ou serviço por outros da mesma natureza, foi fundado sobre princípios ecologistas e de solidariedade, e é esta base ética que o separa não só do mercado «formal» mas também de outras experiências de comércio «informal».

Os «prosumidores» - produtores e consumidores - trocam os seus produtos por meio de uma «moeda social», não convertível, denominada «crédito». Esta moeda é emitida pelos Clubes para evitar os inconvenientes da troca directa e facilitar o intercâmbio. Mas os «créditos» não são apenas uma moeda paralela, inspirados nas teorias do economista germano-argentino Silvio Gesell<sup>1</sup>, para quem a exploração do trabalho humano é permitida graças às falhas estruturais do sistema monetário e ao contraditório papel do dinheiro como meio de

*Mais do que uma simples economia de subsistência, o «trueque» significa uma forma de comunicação e de construção social dentro duma comunidade local e regional. O Clube é o local onde se encontram e se inter-ajudam voluntariamente pessoas vindas das camadas mais empobrecidas da sociedade argentina.*

intercâmbio, de dominação do mercado e acumulação de poder, os fundadores do «trueque» desenharam uma moeda perene, «oxidável» e de inviável acumulação. Esta «oxidação» realiza-se através da aplicação de uma taxa nas periódicas e obrigatórias trocas de créditos por outros novos. Trata-se de um «imposto contra a imobilidade do circulante» segundo as palavras de Rubén Ravera, um dos fundadores. Para além da «oxidação», segundo os princípios do sistema, cada participante é ao mesmo tempo produtor e consumidor, relação esta que se deve manter equilibrada para evitar situações inflacionistas ou desproporções entre produção e volume circulante de «créditos».

Em 2000, 400 clubes tinham sido já criados um pouco por todo o país e a imprensa, argentina e estrangeira, começava a noticiar este «fenómeno da economia alternativa». Mas foi graças à crise de Dezembro de 2001, de uma amplitude inédita, que se deveu o crescimento exponencial da rede de «trueque». Ao longo de 2002, chegaram a existir só na Argentina 8000 Clubes com uma participação calculada em cerca de 2,5 milhões de pessoas.

Esta chegada massiva de participantes teve graves consequências para a rede. O crescimento foi de tal forma rápido que se tornou incontroável. O trabalho de consciencialização normalmente obrigatório à chegada de um novo «prosumidor» foi sendo negligenciado e os princípios de «autogestão» foram, pouco a pouco, se diluindo diante da urgência de dar resposta aos milhares de pedidos de adesão. Começaram a aparecer, na prática quotidiana dos Clubes, situações até então inexistentes ou residuais : fraudes, especulação, falsificação de créditos e produtos, furtos e outros pequenos crimes que, em pouco tempo, provocaram uma gravíssima crise de desconfiança dentro da rede. Naturalmente, os organizadores não possuíam meios de fiscalizar ou penalizar estas violações já que não existe legislação sobre um movimento desenvolvido à margem do Estado.

Desacreditados pelos meios de comunicação social, abandonados por milhares de pessoas da noite para o dia, a maioria dos Clubes fechou as suas portas a finais de 2002.

Como sempre acontece nestes momentos foram muitos os que festejaram esta derrota, como uma prova mais da falência de todas as tentativas de construção de sistemas alternativos aos neoliberais. Segundo nos transmitiu Horacio Covas, outro dos fundadores, esta ruptura da rede não se ficou a dever só a acção isolada de oportunistas e de pequenas máfias, mas a um «ataque organizado» pelo poder político e pela imprensa, profundamente comprometida com os grandes grupos económicos do país. Em sua opinião a «injecção» de milhões de créditos

falsos, aliás extremamente difíceis de copiar, só teria sido possível graças à «ajuda» do aparelho estatal.

Neste momento pensou-se que a morte do «trueque» era definitiva. No entanto, em Fevereiro de 2003, o grupo de fundadores reuniu-se para reafirmar a viabilidade do sistema e congregar esforços para o refundar, aprendendo com os erros do passado recente. É aqui que começa a fase da «reactivação». O objectivo não era partir do zero mas continuar o projecto, revalorizando os seus princípios ecológicos fundadores e evitando cair nas situações observadas durante o auge da crise – quando chegaram a «trocar-se» nos Clubes casas e automóveis.

A rede é agora bastante menor e controlada tanto em relação aos produtos que dão entrada nos Clubes e que ficam registados (alguns foram definitivamente banidos por associação às máfias como medicamentos ou pirataria informática) como em relação às falsificações dos créditos. Ainda assim alguns problemas subsistem como a notória escassez de produção própria, que limita a variedade de artigos disponíveis nos Clubes. Produtos básicos para a alimentação como a farinha, o açúcar ou o azeite dificilmente são produzíveis pelos «prosumidores», sendo assim «importados» do mercado formal e inflacionados dentro do Clube. Para limitar os danos causados por estes problemas a «reactivação» procura consolidar as relações de solidariedade e autogestão entre os participantes. As pessoas que, depois do «desastre», continuam a frequentar os Clubes serão assim mais comprometidas e conscientes do projecto em que participam. Ainda que não se possa generalizar esta visão algo idealista dos fundadores, é notório que os «prosumidores» actuais em pouco se parecem com os milhares de desesperados que invadiram a rede em 2001. No entanto os efeitos da «reactivação» estão ainda longe de estar provados, apenas um ano depois da ruptura. A imagem pública do «trueque» continua fortemente afectada pelas acusações de corrupção que chegam até aos seus fundadores. Isto não tem impedido que milhares de pessoas continuem a participar na rede um pouco por toda a Argentina e que esta continue a ser, para algumas famílias, a principal fonte de produtos primeira necessidade, de comida, roupa ou artigos de limpeza.

Mais do que uma simples economia de subsistência, o «trueque» significa uma forma de comunicação e de construção social dentro duma comunidade local e regional. O Clube é o local onde se encontram e se inter-ajudam voluntariamente pessoas vindas das camadas mais empobrecidas da sociedade argentina. Muitos encontraram aqui uma forma de recuperar, segundo as suas próprias palavras, uma «dignidade no trabalho», depois de anos de desemprego e miserabilismo «assistencialista» do Estado. Para as mulheres, que são as mais numero-



sas «prosumidoras» o «trueque» significa a recuperação de um certo papel de organizadoras, gerindo a economia familiar graças não só às trocas de produtos mas também de serviços, que vão do cabeleireiro ao médico de clínica geral.

Com efeito, podemos considerar a rede como uma das estratégias mais interessantes que a sociedade argentina desenvolveu como resposta à «economia de crise». Desde do «corralito», que congelou e imobilizou as contas bancárias, estas respostas têm sido numerosas. A Argentina tem uma forte tradição de movimentos sociais, já nos anos 70 Eduardo Galeano considerava a sua classe operária como «a mais combativa e organizada da América Latina»<sup>2</sup>. Cantinas populares, cortes de estradas levados a cabo pelo movimento «piquetero», fábricas recuperadas pelos trabalhadores, cooperativas, «julgamentos» populares dos crimes da ditadura, assembleias de bairro - são alguns exemplos duma sociedade auto-organizada perante o choque.

Hoje, passados quase três anos do «corralito», e com os efeitos da crise atenuados para a classe média, a utilidade e impacto destas movimentações começa a ser posto em causa. Subsistem, no entanto, modelos únicos de criatividade social que provaram, no incêndio da crise, poder ajudar muitos argenti-

nos a não cair numa situação ainda mais dramática. Todas estas iniciativas, das quais o «trueque» é parte importante, partilham uma grande desconfiança em relação ao Estado e procuram sobreviver à margem das reformas sociais que este, mal ou bem, tem desenvolvido.

São resistências que privilegiam as pequenas acções, muitas vezes de carácter efémero e procuram transformar ampliando os cenários políticos tradicionais. Os partidos políticos de esquerda não escapam a esta definição, movimentando-se ainda nos velhos cenários, num país de entranhados sectarismos, poucas ou nenhuma são as forças que conseguem congregar.

\* Antropóloga e investigadora da economia solidária na Argentina.

\*\* Artista visual.

## NOTAS :

1 - Silvio Gesell, El Orden Económico Natural disponível em castelhano e alemão em <http://www.systemfehler.de/es/>

2 - Eduardo Galeano, As Veias Abertas da América Latina, (primeira edição, México, 1971) ed. portuguesa Antígona.

*Hoje, passados quase três anos do «corralito», e com os efeitos da crise atenuados para a classe média, a utilidade e impacto destas movimentações começa a ser posto em causa. Subsistem, no entanto, modelos únicos de criatividade social que provaram, no incêndio da crise, poder ajudar muitos argentinos a não cair numa situação ainda mais dramática.*